

Parece-nos, senhoras e senhores, que depois do que acabastes de ouvir Paschoal Carlos Magno falar sobre Eugenia Alvaro Moryra, seja desnecessário que venha outra pessoa e dela traga novas lembranças e novas expressões de eloquência. Permitti que junte, às palavras vigorosas já ouvidas, as minhas, que creio são também as de muitas outras mulheres como eu, palavras apenas de profunda emoção e ternura.

De Eugenia fui uma das amigas de todos os tempos, e nada mais natural que hoje, em que seus amigos intellectuais se reúnem para homenageá-la, tenha também a oportunidade para dizer dela aquilo que naturalmente todos já sabem mas que o repetir faa bem ao coração da gente.

Não vos contarei como nem quando conheci Eugenia.

Seria falar do "Para Todos", do "Teatro de Brinquedo", da minha meninice semi-provinciana, daquela época em que os intellectuais brasileiros eram despreocupados, boemios, joviais, quase que só amando a vida pelo amor e pelas paisagens, sem que lhes tivesse ainda caído sobre os ombros a responsabilidade que os dias foram trazendo depois, sem essa atual obrigatoriedade da analyse dos fatos cotidianos, sem a obrigação dessa constante perseverança em defesax da dignidade, do caráter, da opinião, essa presente e imperiosa vontade de vencer e de sobreviver.

Costumamos no Brasil ^{falar} em "antes de 1930" e depois de "1930", porque esse ano marcou realmente uma ~~etapa~~ nova etapa na vida cultural, social e politica do ~~Brasil~~ país. Conheci Eugenia antes de 30 e desde então, nunca mais a perdi de vista, nem ela saiu mais de meu afeto. Nunca deixou, essa nossa grande amiga, de pôr, em tudo o que fazia, uma enorme força de paixão. A paixão com que amava o marido, os filhos, a casa, os livros, os seus arquivos, as suas traduções, o seu teatro, as suas costuras, os seus quitutes; a mesma paixão com que amou o povo e as lutas desse povo.

Não será exagerado dizer que Eugenia foi sempre uma mulher em luta, apaixonadamente em luta por tudo aquilo que julgava o melhor, o mais certo, por tudo aquilo que estava mais perto de seu coração e de seus sentimentos. E essa paixão foi marcadamente alegre. Nunca vimos - nós que fomos os seus íntimos - um esmorecimento naquela alegria. Quando foi cruel - e muitas vezes o foi, quando não foi justa - e isso também aconteceu - sua alegria e sua paixão levavam-na a isso numa grande vontade de acertar e de não transigir.

Lembro-a naquele ano sombrio de 1935 combatendo vigorosamente o fascismo de todas as terras, de todas as formas e cores. Lembro-a numa das primeiras organizações femininas surgidas naquela época a "União Feminina", congregadora de mulheres para o combate ao integralismo e defesa das liberdades publicas. Lembro-a ~~na~~ nos carcereiros e nos interrogatorios policiais e depois fardada de voluntária da Defesa Passiva da Legião Brasileira de Assistência, comandando "black-outs", fazendo exames para monitora, aprendendo as coisas complicadissimas dos combates aereos, ou fazendo tricots, e bandagens para os nossos soldados que combatiam na Italia. Lembro-a, sempre mulher, ajudando as filhas a criar os netos. Lembro-a preocupada em saber se o retardatario que chegava à rua Xavier da Silveira tinha comido ou não e se lhe bastava o dinheiro para o bonde. Lembro-a sempre ajudando. Sempre trabalhando. Sempre preocupada não com sua propria vida, mas principalmente com a situação de seus amigos. Quem não a relembra assim como eu ?

Eugenia foi uma mulher sem medo. Numa sociedade como a nossa, em que só agora vai a mulher ocupando um lugar, Eugenia não temeu nem a crítica, nem o ódio, nem a vingança. Não temeu principalmente os vocabulos que "são tão claros e tão necessários que fazem medo a todos aqueles que temem a claridade".

Jean Larnac, o sensibilissimo crítico francês de nossos dias, escrevendo uma biografia de George Sand, diz que é preciso muita

muita coragem para se escolher determinada linha de conduta política porque isso representa provocar a hostilidade da sociedade governante, sociedade que tem a seu favor as redes econômicas, as leis morais, os dogmas religiosos, e os preconceitos mundanos. Eugenia bem que sabia de tudo isso quando escolheu sua linha de conduta política. Sabia que nada tinha a ganhar além da enorme alegria de servir às suas exigências de caráter e ao seu raciocínio. Por isso mesmo foi grande, foi enorme o seu valor.

Se vos trago agora aqui essa lembrança, senhoras e senhores, é porque ~~ela~~ a ela se apegam hoje milhares de outras mulheres e dela tiram a melhor das conclusões.

Sei que não se deve jogar com hipóteses, mas no caso de Eugenia estou certa de que se lhe fosse dado recomeçar a vida, ela a faria igualzinha àquela que viveu ou melhor, já que não se deve desprezar a mudança dos tempos, sua vida seria igual porém mais energética, mais combativa, mais intransigente. Seria a Eugenia que foi exemplo de esposa, mãe, avó, lutadora pelas causas justas do povo brasileiro. Seria a Eugenia que se comoveu diante da beleza morta da cidade de Ouro Preto pouco tempo antes de desaparecer e que vibrou sempre nas reuniões públicas de combate, de defesa e de luta.

Eugenia foi ~~uma~~ u'a mulher sem medo.

Esse o elogio que lhe faço agora em nome da minha velha amizade, falando por mim e pelas mulheres sem medo, entre comovida e orgulhosa.